

SE índice de indeterminação do sujeito ou SE sujeito? (uma proposta para discussão)

José Dionísio Ladeira

Nossas gramáticas só falam em SE sujeito no caso de acusativo com infinitivo (ACI):

- . Pedro deixou-se ficar ao relento.
- . O herói fez-se imolar em praça pública.

De fato, o latim não possuía esse pronome ao nível do nominativo (o caso sujeito) e os SEs pronomes que chegaram ao português têm etimologicamente duas origens:

- . Um é a continuação do SE acusativo tal e qual;
- . O outro (que desempenha as funções de 'objeto indireto') é a evolução de *sibi* (dativo), que deu SI e SE (cf. *mihī* > *mi* > *mim* e *me*; *tibi* > *ti* e *te*).

Paralelamente, esclareça-se que a forma *sui* (genitivo) desapareceu, nada produzindo em português, enquanto o *se* ablativo — sempre acompanhado de *cum* — deu *sigo*, através da sonorização do [k], quando em posição intervocálica (cf. *me* + *cum* > *migo*, *te* + *cum* > *tigo*; mas: *nos* + *cum* > *nosco*, *vos* + *cum* > *vosco*) e, mais tarde, esquecida a noção de que *sigo* (como *migo*, *tigo*, *nosco* e *vosco*) já continha *cum*, voltou-se a usar *cum* + *sigo*, donde a forma *consigo* que, diacronicamente, é redundante (cf. *comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*).

Por outro lado, nossas gramáticas falam em SE índice de indeterminação do sujeito com:

- a) verbo intransitivo
- . Vive-se bem em Fortaleza.
 - . É preciso que se espere um pouco.

- b) verbo transitivo indireto
. Necessita-se de dinheiro emprestado.
. Precisa-se de dinheiro emprestado.

- c) Verbo de ligação
. Não se é Ministro; está-se Ministro.
É preciso que se fique atento.

A estes acrescentamos:

- d) verbo transitivo direto
. Procura-se dinheiro emprestado.

A esse SE (com verbo transitivo direto), que as gramáticas tradicionais chamam de *pronome apassivador* (apareceria na 'voz passiva sintética', em que o sintagma proposto seria sujeito), nós admitimos chamá-lo de *índice de indeterminação do sujeito* (pelo menos por enquanto), considerando não termos voz passiva sintética em português.

O latim, sim, possuía a voz passiva sintética, como se vê no *infectum*:

INDICATIVO PRESENTE

VOZ ATIVA

VOZ PASSIVA

laudo	= eu louvo	laudor	= eu sou louvado(a)
laudas	= tu louvas	laudaris	= tu és louvado(a)
laudat	= ele(a) louva	laudatur	= ele(a) é louvado(a)
laudamus	= nós louvamos	laudamur	= nós somos louvado(a)s
laudatis	= vós louvais	laudamini	= vós sois louvado(a)s
laudent	= ele(a)s louvam	laudentur	= ele(a)s são louvado (a)s

O latim possuía também a voz passiva analítica o que ocorria no *perfectum*:

PRETÉRITO PERFEITO — VOZ ATIVA

laudaui	= eu louvei
laudauisti	= tu louvaste
laudaui	= ele(a) louvou
laudauimus	= nós louvamos
laudauistis	= vós louvastes
laudauerunt	= ele(a)s louvaram

PRETÉRITO PERFEITO — VOZ PASSIVA

laudatus, -a, -um sum	= eu fui louvado(a)
laudatus, -a, -um es	= tu foste louvado(a)
laudatus, -a, -um est	= ele(a) foi louvado(a)
laudai, -ae, -a sumus	= nós fomos louvado(a)s
laudati, -ae, -a estis	= vós fostes louvado(a)s
laudati, -ae, -a sunt	= ele(a)s foram louvado(a)s

Observação: Tendo o português estendido o auxiliar *ser* a toda a voz passiva, *sou, és, etc.* passaram a auxiliar o presente do indicativo conjugado na passiva, tornando-se *fui, foste, etc.* a forma do auxiliar no pretérito perfeito.

Vemos, pois, que o latim possuía a autêntica voz passiva sintética, isto é, a idéia de passiva era 'sintetizada' num único vocábulo mórfico, no *infectum*. Já no *perfectum* a passiva era analítica, isto é, a noção de 'passiva' era dada em 'separado', através do auxiliar.

Percebe-se, assim, claramente, que a voz passiva sintética latina não chegou ao português...

Mas teríamos 'outro tipo' de voz passiva sintética?

Examinemos.

GRUPO 1

. Recauchutam-se pneus	= [Pneus são recauchutados]?
. Consertam-se bicicletas	= [Bicicletas são consertadas]?
. Cobrem-se botões	= [Botões são cobertos]?
. Cosem-se camisas	= [Camisas são cosidas]?
. Aluga-se esta casa	= [Esta casa é alugada]?

GRUPO 2

Entendemos não termos em português o caso de 'síntese', já que, nas formas do primeiro grupo, existem dois vocábulos mórficos em "recauchutam-se", "consertam-se", "cobrem-se" "cosem-se" e "aluga-se".

Também não admitimos "pneus", "bicicletas", "botões" e "camisas" como sujeito, porquanto teríamos um caso único em português em que o sujeito não poderia ocupar a posição de... sujeito!

. Pneus recauchutam-se.	E uma frase como "Esta casa aluga-se" fatalmente tem outra interpretação: "Esta casa é alugável".
. Bicicletas consertam-se.	
. Botões cobrem-se.	
. Camisas cosem-se.	

Também não vemos correspondência semântica entre as formas colocadas frente a frente. No primeiro grupo, percebe-se que um agente não identificado *recauchuta pneus, conserta bicicletas, cobre botões, cose camisas e aluga esta casa*. No segundo, (colocado entre colchetes), esclarece-se que *pneus são recauchutados* (e não 'consertados', por exemplo), *bicicletas são consertadas* (e não 'recauchutadas'), *botões são cobertos* (e não 'cosidos'), *camisas são cosidas* (e não 'cobertas'), *esta casa é alugada* (e não 'de minha propriedade').

O indivíduo que exercesse a função de 'recauchutar', 'consertar', 'cobrir', 'coser' ou 'alugar' certamente colocaria uma placa com os dizeres do primeiro grupo. Já os dizeres do segundo grupo seriam apenas 'explicações'. Por exemplo, uma casa que estivesse para ser alugada poderia ter uma placa com o "Aluga-se esta casa", mas "Esta casa é alugada" seria apenas a informação do morador que não é proprietário do imóvel (cf. ALI: 98).

Concluimos que o primeiro grupo não contém voz passiva, porque os verbos têm forma ativa, em que um agente [+humano] pratica a ação de 'recauchutar', 'consertar', 'cobrir', 'coser', 'alugar', sendo 'pneus', 'bicicletas', 'botões', 'camisas' e 'esta casa' analisados como objeto direto.

Observação: A flexão do verbo no plural, concordando com o objeto, seria explicada "pelo contágio" (ALI: 96).

Daí não vemos razão para análise distinta do SE em:

. Precisa-se de dinheiro emprestado.

e

. Procura-se dinheiro emprestado.

Nesses exemplos, entendemos que há um agente indefinido 'precisando' do objeto indireto *dinheiro emprestado* ou 'procurando' o objeto direto *dinheiro emprestado*.

Observação: Com agente [—humano], seria impossível esse SE:

. *Late-se muito em Fortaleza.

. *Rumina-se o alimento...

Já com os demais SEs não haveria problema:

. O sapo deixou-se ficar no brejo. (reflexivo como sujeito)

- . O vidro se partiu com o estouro. (reflexivo como objeto direto)
- . A alga e o cogumelo se completam. (recíproco como objeto direto)
- . Vai-se a primeira pomba despertada. (expletivo)
- . O cavalo se comportou muito bem na corrida. (fossilizado).

Pois bem. Mas esse SE, ao invés de *índice de indeterminação do sujeito*, poderia ser *sujeito*?

Abrindo um parêntese, concordamos com Adriano da Gama KURY, que afirma:

Autores há que apontam como caso de sujeito indeterminado o que é constituído materialmente por pronome indefinido. Na verdade, ao dizermos *Alguém bateu à porta*, o sujeito *alguém* é determinado, embora indefinido... (KURY: 20).

Quer dizer, o sujeito está formalmente expresso ali — *alguém* — não obstante o pronome nada esclarecer sobre a identidade do agente, porquanto trata-se de um indefinido. O mesmo diríamos de *ninguém* na frase *Ninguém bateu à porta*, para a qual jamais se postulou o indicativo de oração sem sujeito...

O mesmo diríamos ainda de:

- . Aí *a gente* fica chateado e vai embora...
- . Aí *você* fica chateado e vai embora...

AS SEMELHANÇAS

Fechando o parêntese, perguntamos: se os indefinidos podem ser sujeito, por que o SE — nas mesmas circunstâncias — não poderia?

- . Devagar *alguém* vai ao longe.
- . Devagar *se vai* ao longe.
- . Devagar *se recauchutam* pneus.
- . Etc.

Ou como intuiu o ferrador de cavalos ao Aldrovando Cantagalo, no conto de Monteiro LOBATO:

Aquele 'se' da tabuleta refere-se cá a este seu criado. É como quem diz: Serafim ferra cavalos — Ferra Serafim cavalos. Para economizar tinta e tábua, abreviaram o meu nome, e ficou como está: Ferra Se(rafim) cavalos... (LOBATO: 92)

Esse SE corresponderia ao ON francês: "Lorsqu'on a peur..." — "Quando se tem medo..." (CORRÊA & STEINBERG: 105) que, por sua vez, nada mais é do que a evolução do HOMO latino, igualmente usável como pronome indefinido (cf. FARIAS: 434). Aliás, no próprio português se usou HOMEM como pronome indefinido: "Na verdade, jamais homem há visto / Cousa na terra semelhante a isto." (ASSIS: 302)

AS DIFERENÇAS

Não podemos, no entanto, negar que o SE tem, sob alguns aspectos, características diferentes dos pronomes indefinidos:

a) Estes 'indefinim' não só o sujeito, mas também outros termos da oração:

- . Vi *alguém* debaixo da cama. (objeto direto)
- . Dou muita importância a *alguém*... (objeto indireto)
- . Você não é *ninguém*! (predicativo)
- . Não tenho medo de *ninguém*... (complemento nominal)
- . O receio *da gente* era a polícia chegar. (adjunto adnominal)
- . O trabalho foi feito por *você*, pô... (agente da passiva)
- . Etc.

Com o SE, tal não ocorreria:

- . *Vi *se* debaixo da cama.
- . *Dou muita importância a *se*.
- . Etc.

b) Dos indefinidos, *alguém* e *ninguém* só podem ser terceira pessoa, enquanto *a gente*, por exemplo, contém sempre, forçosamente, a primeira pessoa, podendo conter também a segunda e a terceira:

- . A *gente* 'dá um duro danado' e *vocês*... e eles nada fazem! (+1.^a, —2.^a, —3.^a)

- . A gente podia ir, não acha? (+1.^a, +2.^a)*
- . A gente vai; você quer acompanhar-nos? (+1.^a, -2.^a, +3.^a)
- . Devagar a gente vai ao longe. (+1.^a, +2.^a, +3.^a)

Já o SE pode conter a primeira, a segunda ou a terceira, sem a obrigatoriedade de conter especificamente uma delas:

- . Precisa-se de operários. (+1.^a, -2.^a, +3.^a)**
- . Veja-se como o Otto Lara Rezende sofre... (+1.^a, +2.^a, -3.^a)***
- . Soube que se ouviu o discurso (-1.^a, +2.^a, +3.^a)*
- . Ouviu-se o discurso. E daí?! (+1.^a, +2.^a, +3.^a)
- . Ouviu-se o discurso enquanto você dormia. (+1.^a, -2.^a, -3.^a)
- . Ouviu-se o discurso enquanto eu e tu dormíamos. (-1.^a, -2.^a, +3.^a)

Observe-se que, com o verbo no imperativo, o SE leva a primeira pessoa a compartilhar do enunciado verbal. Já a ausência do SE restringe o enunciado à segunda pessoa (cf. "Veja como o Otto Lara de Rezende sofre..." e "Observe que, com o verbo no imperativo, o SE..." Já em "Veja-se" e "Observe-se" vislumbramos, respectivamente, "Vejamos" e "Observemos").

Entendemos que o SE indicaria uma única pessoa apenas quando o contexto excluísse as demais (cf. "Ouviu-se o discurso enquanto eu e tu dormíamos"). Daí entendermos mal formadas frases como:

- . ?Construíram-se as muralhas da China dois séculos antes de Cristo.
- . ?Assassinou-se o Presidente ontem à noite.

No primeiro caso, nem a primeira pessoa nem a segunda poderiam fazer parte do 'agente', por estarem tão distantes no tempo; no segundo, não conviria à primeira pessoa se comprometer...

Daí preferir-se:

- . As muralhas da China foram construídas dois séculos antes de Cristo.
- . O Presidente foi assassinado ontem à noite.

* O exemplo foi colhido em (IKEDA: 118-120)

** (IKEDA: 120) dá (+1.^a, -2.^a, -3.^a)

*** (IKEDA: 120) dá (-1.^a, +2.^a, -3.^a)

Já em textos em que a primeira pessoa efetivamente participa como 'agente', a construção com o SE é perfeitamente cabível:

No presente livro, estudam-se a botânica e a cultura de feijão-comum... (VIEIRA: 6)

c) Enquanto os demais indefinidos coocorrem com SE reflexivo/sujeito, reflexivo/objeto, recíproco/objeto, expletivo e fossilizado, o mesmo não ocorre com o SE que estamos enfocando:

- . Alguém deixou-se ficar ao relento. (reflexivo/sujeito)
- . Ninguém se feriu. (reflexivo/objeto)
- . A gente se cumprimentou apenas. (recíproco/objeto)
- . A gente se foi... (expletivo)
- . Você se queixa da polícia, pô... (fossilizado)

Mas:

- . *Se se deixou ficar ao relento.
- . Etc.

JUSTIFICAÇÃO DAS DIFERENÇAS

Primeiramente, diríamos que a impossibilidade de SE ocorrer como 'outros termos da oração' se prende à sua distribuição em relação aos outros pronomes oblíquos — o(s), a(s), lhe(s) —, cabendo-lhe, no caso, apenas a função de reflexivo:

- . Ele se viu debaixo da cama.
- . Ele se dá muita importância.

Em segundo lugar, quanto ao fato de conter 'pessoas' diferentes de *alguém* e *ninguém*, por um lado, ou *a gente*, por exemplo, por outro, não afasta do grupo heterogêneo dos indefinidos.

Finalmente, a sua não-ocorrência com outro SE se explicaria pela não-coocorrência na frase do mesmo vocábulo de mesma classe gramatical, ainda que não co-referente:

- . *O herói¹ deixou o herói² imolar-se em praça pública.
- . *Pedro¹ feriu Pedro².

CONCLUSÃO

Assim como *alguém*, *ninguém*, *a gente* etc. são indicadores 'materiais' de um agente não definido, entendemos que o SE — nas mesmas condições — é o sujeito formalmente expresso na criação, não obstante nada esclarecer sobre a identidade do agente...

Concordam?!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1966.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro, Garnier (s.d.).
- CORRÊA, Roberto Alves & STEINBERGER, Sary Hauser. *Gramática de língua francesa*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, MEC/FENAME, 1976.
- FARIAS, Ernesto, org. *Dicionário escolar latino-português*. 2. ed. Rio de Janeiro, MEC/Cia. Nacional em Material de Ensino, 1956.
- IKEDA, Sumiko Nishitani. A função do 'se'. In: *Cadernos PUC*, São Paulo, (5): 111-47, mar., 1980.
- KURY, Adriano da Gama. *Lições de análise sintática*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1970.
- LOBATO, Monteiro. O colocador de pronome. In: *Contos e novelas de língua portuguesa*. São Paulo, Logos (s.d.)
- VIEIRA, Clibas. *Cultura do feijão*. Viçosa, MG, Universidade Federal de Viçosa, Imprensa Universitária, 1978.

Com agradecimentos à turma de Especialização em Linguística, ano de 1986, da Universidade Federal do Ceará, pelas judiciosas sugestões.